

**O IMPACTO NA FORMAÇÃO HUMANA DE QUEM VIVE EM  
SITUAÇÃO DE RUA**

***THE IMPACT ON HUMAN FORMATION OF THOSE LIVING  
IN STREET SITUATION***

***EL IMPACTO EN LA FORMACIÓN HUMANA DE QUIENES  
VIVE EN SITUACION EN LA CALLE***

---

**Anna Terra Boni Rodrigues**

Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail:  
[anna.terra@mail.uft.edu.br](mailto:anna.terra@mail.uft.edu.br) | [Orcid.org/0009-0009-7016-3554](https://orcid.org/0009-0009-7016-3554)

**Juliana Biazze Feitosa**

Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail:  
[juliana.biazze@mail.uft.edu.br](mailto:juliana.biazze@mail.uft.edu.br) | [Orcid.org/0000-0002-7793-6523](https://orcid.org/0000-0002-7793-6523)

---

## ABSTRACT:

This study aimed to understand how living on the streets affects the human development of individuals in this condition, examining how marginalization, stigma, social hygiene, and lack of work opportunities impact their identities. A qualitative, field research method was used, with semi-structured interviews conducted with three persons on street situation from Palmas-TO. The data were analyzed taking inspiration from historical-dialectical materialism lens. The results were divided into categories of analysis. In the first category, the study explored the root causes behind the "bad luck" of persons in street situation, concluding that the devaluation of work and mass unemployment are key factors driving individuals to such extreme conditions, significantly affecting their social bonds. The second category examined the link between drug dependency and commodity fetishism, showing that drug use is not just for leisure but is integral to the individual's identity. The final category noted that while capitalism progresses in society, the street situation population continues to grow. The study highlights the importance of understanding this condition as a reserve work force and a life situation imposed by the capitalist system, which traps individuals in social misery and leaves them at the mercy of fate.

**KEYWORDS:** Population on street situation, Human formation, Work and Relative overpopulation.

---

---

## RESUMO:

Este trabalho objetivou compreender o impacto da situação de rua na formação humana das pessoas, considerando fatores como marginalização, estigma e higienização social, além da ausência de trabalho remunerado. A pesquisa qualitativa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com três pessoas em situação de rua em Palmas-TO e os dados foram analisados inspirados no materialismo histórico-dialético. Os resultados foram organizados em três categorias. Na primeira, tentamos entender o motivo por trás da "falta de sorte", concluindo que a desvalorização da mão-de-obra e o desemprego em massa são os principais responsáveis por levar o sujeito a essa situação-limite e ainda, impacta, nos laços sociais dessas pessoas. Na segunda categoria, elucidamos sobre a relação direta entre o consumo das drogas e o fetiche da mercadoria, sendo que o primeiro representa algo que vai além de momentos de lazer, algo que compõe a constituição da identidade do sujeito. Na última categoria, constatamos que o capitalismo avança na sociedade, assim como a população em situação de rua cresce gradualmente. Conclui-se que essa situação revela uma mão-de-obra reserva e uma condição de vida pré-estabelecida pelo sistema capitalista, que insere esses sujeitos dentro das mazelas sociais e os abandona à mercê da sorte.

**Palavras chave:** População em situação de rua, Formação humana, Trabalho e Superpopulação relativa.

## RESUMEN:

*Este trabajo tuvo como objetivo comprender cómo la situación de calle impacta en la formación humana de las personas en esa condición, analizando la marginalización, el estigma, la higienización social y la falta de acceso al trabajo. Se utilizó una investigación cualitativa con entrevistas semi-estructuradas realizadas a tres personas en situación de calle en Palmas-TO, y los datos fueron analizados desde una perspectiva crítica inspirada en el materialismo histórico-dialéctico. Los resultados se dividieron en tres categorías. En la primera, se concluyó que la desvalorización de la mano de obra y el desempleo masivo son responsables de llevar a las personas a esta situación, afectando sus lazos sociales. En la segunda, se abordó la relación entre el consumo de drogas y el fetichismo de la mercancía, destacando que el consumo está integrado en la constitución de la identidad del sujeto. En la tercera, se observó el crecimiento de la población en situación de calle y el avance del capitalismo, lo que revela una mano de obra reservada y una condición de vida establecida por el sistema capitalista, que condena a estas personas a las miserias sociales y las deja a merced de la suerte.*

**Palabras clave** *Población en situación de calle, Formación humana, Trabajo y Superpoblación relativa.*

---

## INTRODUÇÃO

O presente estudo busca primordialmente entender como a situação de rua impacta na formação humana das pessoas que vivenciam essa condição. Após entendermos as características gerais dessa população, como faixa etária, sexo e quais as circunstâncias contribuíram para que esse sujeito se inserisse nessa situação. Nesta nova pesquisa nos voltaremos aos aspectos materiais, estruturais e culturais que interferem na formação humana (subjetividade) de pessoas em situação de rua.

O Decreto nº 7.053, consolidado no ano de 2009, considera a população em situação de rua como sendo um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular (...) (Brasil, 2009, p. 24). No entanto, apesar de descrever a caracterização dessa população, este decreto não foi capaz de definir as singularidades presentes dentro desse grupo. Serafino e Luz (2015) dissertam que essa população abarca pessoas de todas as faixas etárias e de todos os sexos, incluindo sujeitos que já nascem nesse espaço de rua.

Para compreender sobre como os seres humanos são formados, Engels (1990) considera que a capacidade humana de modificar a natureza intencionalmente e com fim determinado seria um dos principais fatores na busca por essa caracterização. Ou seja, os diversos animais produzem materiais por meio da natureza, no entanto, essa produção se limita à efetivação de suas necessidades. Os seres humanos, por outro lado, não possuem essa limitação, a interação entre o homem e a natureza vai além do cumprimento de adaptações evolutivas e biológicas, ela se estende até à realização daquilo que nomeamos de trabalho.

Márkus (2015) entende que o trabalho é capaz de adaptar objetos ao uso humano, sejam eles disponibilizados pela natureza, ou pelo próprio homem. A relação entre o homem e a natureza é um processo de negociação e dominação de aspectos naturais, com o objetivo de torná-los úteis na produção de outros objetos e assim por diante. Além de produzir e atualizar objetos, esses se tornam limitados para uma “função específica”, um objeto que poderia exercer diversas funções, tem seu uso determinado apenas para uma. Esse é o fenômeno da objetivação.

Um copo é destinado para beber e, a grosso modo, algo se torna um copo quando é normal e sistematicamente utilizado nessa função. Produtos humanos existem em uma *rede de normas, de regras sociais de uso* (genericamente com característica de ‘costumes’). Por meio da qual eles adquirem sua identidade, seu ‘significado’ e que circunscreve à sua finalidade, e ao modo de seu emprego (Márkus, 2015, p. 32).

Portanto, o trabalho só existe como tal, por consequência do processo de objetivação. Essa conceituação também se aplica à vida em sociedade, regida por normas e leis, sendo os produtos frutos da realização do trabalho, representando estruturas sociais, valores e funções. Ainda, a partir desse fenômeno, a acumulação de objetos também se

tornou a acumulação de capacidades humanas, dado que a criação de cada um implica em uma força de trabalho específica. Desse modo, o trabalho é capaz de alterar os objetos materiais e os sujeitos que os produzem, “ele não apenas transforma a natureza externa, mas a natureza humana também” (Márkus, 2015, p. 33).

Marx e Engels, em seus escritos, exploram que a consciência é que determina a vida e não ao contrário. Portanto, apesar de tentarmos diferenciar os homens dos animais pela subsistência de uma consciência propriamente dita, ela é anterior ao surgimento desse sujeito que só se cria pela necessidade de

produzir sua vida material (Siqueira e Pereira, 2014). Sendo assim, o sujeito é criado pelo seu modo de vida e pela organização social em que está inserido, ela que vai determinar seu modo de pensar e agir. A singularidade vai se constituindo na relação dialética com aquele tempo histórico e modo de produção.

Partindo desses ensinamentos, nos interessa nessa pesquisa entender como fica a formação humana das populações à margem do sistema capitalista, mais especificamente da População em Situação de Rua (PSR), que frequentemente não vende sua força de trabalho e se configura como exército industrial de reserva. Marx (1988b) entende que a superpopulação relativa ou exército industrial de reserva que exceda ao mercado de trabalho é essencial para o desenvolvimento da riqueza no estado capitalista. Logo, a superpopulação relativa viria a ser uma mão de obra reserva, caso a original precise ser substituída e em adição, ela também serviria como forma de controle salarial, influenciado pela demanda do mercado de trabalho.

Assim, ao tentarmos entender como a situação de rua impacta na formação humana dos sujeitos, objetivamos também, analisar de que modo a marginalização, estigmatização e o processo de higienização social têm influência na estruturação da individualidade. Além disso, buscamos compreender, como a ausência da venda da força de trabalho afeta a constituição do sujeito que está inserido dentro do sistema capitalista.

## **METODOLOGIA**

Este estudo classifica-se como uma pesquisa de campo qualitativa. Vieira e Zouain (2005) afirmam que esse modo de pesquisa concede extrema importância para a fala dos atores sociais envolvidos e ao significado dessa fala que é transmitida. Desse modo, foi examinado como os aspectos sociais, econômicos e culturais impactam na constituição do sujeito em situação de rua. Portanto, é necessário que haja esse enfoque na subjetividade dessa população. Minayo (2001) apresenta que a pesquisa qualitativa está preocupada em atingir níveis de realidade social que não são favoráveis à quantificação, dado que os objetos de trabalho estão no “universo dos significados”.

A presente pesquisa está vinculada ao projeto guarda-chuva da professora orientadora, intitulado Políticas sociais e o fortalecimento da rede de proteção, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP - UFT). A pesquisa está em conformidade com os princípios estabelecidos nas

Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, bem como com os ditames do Código de Ética Profissional do Psicólogo.

Inicialmente, executamos a pesquisa bibliográfica com o intuito de apresentar a teoria de base para a construção da pesquisa. Nossas fontes de pesquisa foram livros físicos, artigos, dissertações e teses acessadas em plataformas reconhecidas pela CAPES. O roteiro da entrevista foi elaborado durante o primeiro semestre, bem como a realização da pesquisa de campo, por meados de abril-maio de 2024. Os dados foram analisados sob a luz da história, inspirada no materialismo histórico-dialético. Marx (1985) entende a história como um processo contraditório, dinâmico e em movimento, produzido pelo conjunto da sociedade da época; superando a ideia de que história seria uma série determinada de evoluções sociais que acontecem por etapas progressivas.

Foram entrevistados três sujeitos em situação de rua, localizados em Palmas-TO, nos arredores do Parque dos Povos Indígenas. Ressaltando que, no método de pesquisa que estamos utilizando, a quantidade de sujeitos entrevistados não possui impacto na legitimidade dos resultados, considerando que neste método reconhecemos que o ser humano é um ser social, ou seja, na medida em que ele constrói a sociedade, a sociedade também o constrói, um não se separa do outro. Desse modo, dialeticamente, o coletivo afeta o particular e vice-versa, como já apresentado na introdução.

No decorrer das entrevistas foram levantados pontos em comum entre cada um dos entrevistados, que foram levados em consideração para a construção das categorias de análise, somados aos objetivos da pesquisa. Criamos nomes fictícios para os entrevistados, com o intuito de preservar a identidade de cada um deles.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. EXPERIÊNCIA DA SITUAÇÃO DE RUA E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Analisando os relatos apresentados pelos sujeitos em situação de rua que participaram da pesquisa, notamos que a maioria das justificativas relacionadas com o estado atual de suas vidas, está de certa forma descolada daquela que é a principal causadora da situação-limite: a precarização do trabalho.

A evolução do ser humano para se tornar uma mercadoria de troca, capaz de ser descartada e colocada de lado, foi resultado de um longo processo histórico político-econômico. Apesar de as grandes indústrias não representarem toda a massa de trabalhadores, a classe que se exclui dela sofre ainda mais com seus efeitos. Assim, além dos trabalhadores “produtivos” determinados pelo capital, existe ainda uma parte considerável de trabalhadores classificados sistematicamente como improdutivos. Marx (2004) considera que ao contemplar um recorte dessa classe, a superpopulação relativa

ou exército industrial de reserva representa o trabalhador que resta, o instrumento do capitalismo utilizado como uma mão de obra substituta àquela que já se encontra em uso.

### **1.1. O real motivo por trás da “falta de sorte”**

A mão de obra desvalorizada representa o trabalhador que realiza serviços a curto prazo, trabalhos informais e frequentemente vivenciam o chamado desemprego estrutural. Vale ressaltar que o capitalismo se centraliza na ideia de acumulação do capital, sendo que o trabalhador tem sua jornada de trabalho prolongada, de forma que a mais valia extraída seja absoluta. Ou seja, a partir do momento em que o trabalhador vende sua mão de obra por um preço inferior ao da mercadoria vendida pelo capitalista, o lucro é superior ao salário disponibilizado para a compra dessa força de trabalho. Tal fato pode ser identificado no relato apresentado a seguir:

Na diária, bico, essas coisas também não dão certo. Negócio de semana é muito pouco, entendeu? Muito pouco. Eu já trabalhei demais. Eu estava trabalhando de domingo a domingo, sem parar, no lava-jato e ganhava pouquinho demais, eu ia buscar carro, ia deixar, ia em meio mundo de lugar. Eu dirijo tudo, eu sou motorista. É pouco, desvalorizado, entendeu? Isso acaba com a gente! Eu dei até uma engordada agora. Eu tava era magro por causa dos produtos, era trabalho demais (TERESINA, 2024).

Na visão de Marx (2004), o trabalhador se torna ainda mais barato que sua mercadoria. Quanto mais intensa for sua produção, mais desvalorizada é a sua mão-de-obra. Assim, ocorre o fenômeno da valorização das coisas (Sachenwelt) e desvalorização dos homens (Menschenwelt). O sujeito, ao produzir suas mercadorias, acaba se identificando com ela e se transformando no próprio objeto fruto de seu trabalho (Marx, p. 80, 2004). Apesar de reconhecer a insalubridade e a desvalorização sofrida quando exercia atividades informais de trabalho, o participante da pesquisa já se encontra tão alienado às condições de vida precárias do capitalismo, que não consegue associar esse desgaste como um causador da sua situação atual. Ao ser questionado sobre o motivo de ter ido para as ruas, conta sobre as causas, porém não as relaciona com as condições de trabalho que havia comentado, conforme podemos observar:

Curtição, né? Mulher, bebida, essas coisas. As amizades... Até que emprego não, porque emprego tem demais aí, que eu faço os bico, entendeu? O pessoal quando quer trabalhar, que eu faça serviço pra eles, eles vêm aqui, entendeu? Ou então eu vou, é assim (TERESINA, 2024).

Silva (2006) considera que toda essa reestruturação no mundo do trabalho, em especial no Brasil, ocorreu seguindo a linha de diretrizes neoliberais, que objetivou um maior financiamento do capital ordenado pelo Estado. Essas mudanças foram responsáveis por reorganizar as relações, classes sociais e os modos de produção, criar uma nova forma de gerenciamento de funções, diminuir as ofertas de trabalho e enfraquecer os direitos dos trabalhadores.

## 1.2. Vivendo na rua: a possibilidade de criar laços

Grande parte das pessoas em situação de rua, ao precisar sair de suas casas, acaba rompendo com o meio familiar, assim, rompendo ao mesmo tempo com relações estruturais, sejam elas de afeto ou não. Quando indagados ao falar sobre o contato que ainda mantinham com a família, apresentaram essa falta.

Minha mãe, mas tem mais de seis meses que eu falo com ela. Eu tava preso e saí do CPP tem cinco dias. Antes disso eu estava em recuperação ali, lá no Taquaralto. Até aí eu falei, saí de lá e fiquei na rua aí nunca mais falei com ela, não (MINAS, 2024).

Ao tratar sobre as relações familiares da população em situação de rua, Lima e Moreira (2009) dissertam que ao perder o contato com a família, esse sujeito sente que também perdeu seu lugar no mundo e que agora se sente sozinho.

Morar na rua não é bom, não.. Ninguém quer saber do cara. Só quem mora igual nós, na rua, que fala com nós. Quem não mora na rua fala, mas... A pessoa vê que fala assim meio estranho, né? Diferente, não é igual, tipo... Mas é quem mora na rua que é acostumado, né? Você fala de boa. Agora, se chegar outra pessoa aqui, ela vai falar comigo, mas não fala daquele jeito igual quem mora com a pessoa na rua. Fica com... Como é que fala? Com o pé atrás, né? Desconfiado. (MINAS, 2024)

Como já foi comentado, as pessoas em situação de rua comumente vivenciam situações de abandono, solidão, violência e desamparo. Aliada a outros motivos, essas situações geram um sentimento muito forte de identificação entre eles, sendo essa identificação a principal responsável pelo fortalecimento das relações interpessoais nas ruas. Ciampa (2002) conclui que o conhecimento que o sujeito detém sobre si, na verdade também diz respeito ao conjunto de indivíduos que compõem seu determinado grupo social. Levando em conta o grupo que estamos estudando, essa identificação com o outro é comprometida ainda pelo olhar preconceituoso que a sociedade possui sobre eles.

Esse ideal implica na construção de relações sociais miradas na superficialidade, o que gera medo e insegurança àqueles que estão a todo tempo à mercê dos perigos urbanos. Quando perguntados sobre a forma que as pessoas da sociedade os tratam, essas características relacionais ficaram evidentes:

Bem, bem, graças a Deus. Nunca tratou nós aqui mal não, só se fala por detrás, mas pela frente mesmo, super bem (TERESINA, 2024).

Ah, é tipo medo de uma pessoa ver e fazer mal pra pessoa dormindo. Entendeu? Tacar fogo. Ou envenenar comida, tipo alguma coisa assim e tu vai lá e come, só come. É assim. Tipo assim, outras pessoas que nem nós, entendeu? Que querem ver o mal da gente. Tem muitas pessoas que querem



ver o mal da gente, moça. Tem muita gente aí que discrimina (TERESINA, 2024).

Como foi muito bem apresentado por Marx (2004), “o ser humano é um ser social”. Ele constitui sua individualidade ao mesmo tempo em que se envolve com outros seres e que produz objetos socialmente construídos. A importância de ressaltarmos isso se dá quando Lima e Moreira (2009) analisam que nas ruas, as relações sociais vivenciadas por esses sujeitos se tornam descartáveis. Elas existem muito mais pela ótica da necessidade, do que do desejo. Com a coisificação dos homens, a relação em si não é tão importante, mas sim o que ela é capaz de oferecer ao outro. É evidente que esse descarte não é responsabilidade do próprio sujeito. Ele constitui-se em sua subjetividade na medida em que o espaço que lhe é vivenciado se torna cenário de uma luta incansável pela sobrevivência.

Mas tem muita gente que não olha o morador de rua hoje com bons olhos, olha como um criminoso, como um malandro. Talvez tu pense que o cara tá ali por alguma coisa que ele fez de errado. Eles interpretam muito pelo lado ruim, não pelo outro lado. O porque ele tá assim e tal.. Vê muito o lado ruim, né? Joga muita coisa em cima. Não entende. Aí acaba gerando isso, né? Na minha ciência, metade da sociedade hoje em dia é só julgamento, sabe? Só julgar. não sabe olhar o que foi que aconteceu, porque que tá assim. É complicado. O ser humano é complicado demais. É difícil falar sobre isso, sobre o ser humano. Porque ele é bem complicado (GERAIS, 2024).

Esse tipo de relacionamento baseado na forma da exclusão vai além da esfera individual e social, ele também é óbvio na divisão entre os espaços da cidade. De acordo com Mericato (1995), a segregação incluída principalmente nos processos de modernização é responsável por excluir as classes mais baixas, negando sua existência e direitos. Para o autor, a “exclusão social” não pode ser mensurada, pois ela é capaz de ser indicada por diversos fatores, como “a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza, a baixa escolaridade, o oficioso, a raça, o sexo, a origem e, principalmente, a ausência da cidadania” (Mericato, p. 30, 1995).

Portanto, a pessoa em situação de rua, ao atingir essa condição, realiza mudanças em seu meio social, sua classe, suas relações e conseqüentemente, em sua identidade. Para Ciampa (2002), a identidade é uma metamorfose, ela muda e se reafirma com o tempo, os sujeitos não são imutáveis, é necessário um exercício incansável para mantê-la. Além disso, o autor ressalta que, “ser “outro” pode ser algo aterrorizante, a unidade é ameaçada e o sujeito não sabe mais quem ele é, o personagem muda junto com a história, mas o autor continua o mesmo” (Ciampa, p. 62, 2002). Quando perguntados sobre quem eles são, os participantes se mostraram confusos quanto a sua própria identidade.

É difícil a gente falar sobre a gente. Rapaz... Agora quando vem essa pergunta pra gente falar da gente mesmo, é assim meio complicado, né? Não, eu sou um cara que procura sempre a tranquilidade, sossego, mudanças. Hoje em dia tem muita adaptação, sempre pra adaptar o novo. E sempre correndo atrás do

que interessa pra mim, do que eu gosto de fazer. Eu sou assim, acho que é assim (GERAIS, 2024).

Nem eu sei quem eu sou. Não sei não, nem me conheço, não sei não. Sei lá. Essa pergunta aí é difícil (TERESINA, 2024).

Ainda, ao falarem sobre a vida que levam nas ruas, os entrevistados exprimem o desejo da “mudança de vida”, sendo que os seus maiores sonhos estão interligados com a saída das ruas:

Eu tô fazendo uns planos aí pra eu sair da rua. Tô tirando meu documento. Isso não é vida pra ninguém, não. Meu único sonho é sair da rua, trabalhar e trazer minha mãe pra morar aqui comigo (GERAIS, 2024).

É só questão de tempo também, entendeu? Eu vou... Vou mudar de vida (TERESINA, 2024).

A saída das ruas representa para esses sujeitos uma mudança de vida, a realização de um sonho e talvez um pontapé inicial para uma vida social restabelecida. Portanto, é de suma importância destacar que ao enxergar-se em uma posição limite de sobrevivência, o sujeito é induzido a acreditar que o modelo de vida baseado no trabalho informal e alienado, é capaz de tornar seus desejos uma realidade, entretanto, não permite que ele identifique que essa condição foi a principal responsável por conduzi-lo à situação de rua. Desse modo, reconhecemos que o sofrimento dessas pessoas é intolerável ao ponto em que até mesmo uma vida de alienação, aparenta ser um escape satisfatório.

## **2. DROGA, FEITICHE DA MERCADORIA E SUBJETIVIDADE**

A relação com o uso de substâncias foi algo manifestado por todos os entrevistados, é exposto nos mais diversos estudos que a situação de rua possui um contato muito direto com as drogas no geral, sejam elas lícitas, ou não. Para discutirmos um pouco sobre isso, é necessário refletirmos sobre qual o lugar que essa droga ocupa na vida desses sujeitos, dado que ela representa algo anterior até ao próprio capitalismo.

Ao perguntar sobre esse uso durante a entrevista, obtivemos as seguintes respostas:

Álcool, maconha. Eu tomo uma cervejinha mesmo, mano. Entrei um dia na pinga aí, mas não deu certo não. Embebeda é rápido (GERAIS, 2024).

Maconha e cocaína (MINAS, 2024).

Eu já tive as coisas, mas devido a droga, a bebida já acabei com tudo (TERESINA, 2024).

Uma justificativa muito apresentada pelo senso comum é que as pessoas que vivem nas ruas são conduzidas pela droga, principalmente pelo alcoolismo e esse pensamento é reforçado pelo movimento higienista<sup>1</sup> quando a situação de rua é representada por uma vontade pessoal, configurando-se então como uma ameaça social. Segundo Varanda (2009), as dificuldades vivenciadas por esses grupos de extrema pobreza, dificultam a sua capacidade de mobilização, impedindo o direito à sua indignação e consequentemente, sua revolução. Assim, além de se encontrarem em uma condição intolerável de sobrevivência, esses indivíduos nem sequer possuem o direito de luta, muito menos de acolhimento, dado que a sociedade justifica essa situação de uma forma individualizada, sendo apenas o próprio sujeito responsabilizado por ela.

Furtuoso, Rosani e da Costa (2020) apresentam que as drogas, por outro lado, fazem parte da sociabilidade humana, mas a sua comercialização é impulsionada pelo sistema capitalista. A droga, antes de mais nada, ainda é uma mercadoria, a dependência está relacionada ao consumo, quanto maior a dependência, maior o consumo, mais furtuoso é o seu lucro e consequentemente, maior é a incidência do tráfico. A objetificação evolui a partir da necessidade, o homem produz aquilo que supre suas necessidades imediatas e quando as satisfaz, ele cria outras necessidades e outros objetos para satisfazê-las.

A atividade humana é adjetivada como social, não apenas por ser realizada coletivamente em cooperação, mas fundamentalmente, porque os objetos produzidos pelo trabalho, os tais meios para a satisfação das necessidades, são objetivações socialmente construídas (Moraes, 2008, p. 26).

A consciência humana é impactada pelo uso de qualquer objeto que lhe é apresentado durante sua existência. De acordo com Moraes (2008), a criança não nasce conhecendo os objetos de sua satisfação, eles são apresentados para ela pelas pessoas que estão ao seu redor. Durante a entrevista, o entrevistado conta um pouco sobre os acontecimentos de sua infância, revelando o impacto desses acontecimentos, no desenvolvimento do próprio sujeito, como podemos observar a seguir:

Não, eu fui pra rua porque... Meu pai, ele foi embora pra São Paulo. E aí, chegou lá, ele... Começou a beber, aí morreu de cirrose. E aí, no dia do velório dele, todo mundo foi lá ver ele e não me levaram não. Também foi porque minha mãe arrumou um homem lá, um palhaço lá e batia nela. Porque usava droga, batia nela e em mim. E aí fui crescendo vendo aquilo ali. Eu cresci com ódio. Até que quando eu cresci, eu peguei ele. Aí depois disso aí eu fiquei revoltado. Aí comecei a vim, vim entrando nas vidas erradas, vida de droga. Teve um bocado de coisa errada. Aí tô aqui, tô contigo agora (MINAS, 2024)

O entrevistado apresenta que as drogas sempre estiveram presentes na sua vida, principalmente em momentos que marcaram sua consciência de maneira muito

---

<sup>1</sup> Parte desse movimento “diz respeito à adequação desse indivíduo ao sistema, atendendo às exigências da produtividade. Nesse sentido, os distúrbios de conduta eram observados como reações compensatórias a um complexo de inferioridade do indivíduo, proveniente de um meio social desfavorável e, na maioria das vezes, miserável ” (BOARINI, 2003, p. 110).

significativa e violenta. O que cabe a nós refletirmos a partir dos relatos é qual a relação que essa droga possui com o impulso capitalista e com um movimento tão salientado pelo colonialismo conhecido como “a guerra às drogas”. Para Costa e Mendes (2020), ao se debruçarem nos escritos Marxistas sobre a “Guerra ao Ópio”, reiteram que a verdadeira questão não está apenas no consumo substancial, ela é, principalmente, resultado de um longo processo de invasão pela classe dominante às regiões afetadas pela mazela do capitalismo.

Ao ser obrigado a vestir a camisa da miséria absoluta, o sujeito descartado se torna alvo de definições aclamadas pela meritocracia. Os nomes de “bandido”, “vagabundo”, “preguiçoso”, são constantemente associados àquele que define o trabalhador alvo no serviço de transportar e vender essa mercadoria ilícita. Na guerra às drogas, a função do tráfico, segundo Costa e Mendes (2020), é coincidentemente ocupada por esses sujeitos representativos de uma questão social ampla, são eles os desempregados, negros, pobres e pertencentes de lugares distanciados dos grandes centros. Ademais, os autores ressaltam que “nessa luta proibicionista, o propósito nunca foi o de exterminar a mercadoria, mas sim os sujeitos cuja sua mão-de-obra está direcionada à venda dela” (Costa e Mendes, 2020, p. 308).

Assim, evidenciamos que nas ruas, a droga não é apenas um objeto de consumo produtor de pequenos momentos de lazer sentidos por esses sujeitos, ela é também algo que escancara suas necessidades coletivas de sobrevivência. Para além, ela está correlacionada à constituição de uma identidade atribuída àqueles que, ainda contra sua vontade, já foram associados a uma caracterização corriqueiramente semelhante à do criminoso.

### **3. TRABALHO E SUBJETIVIDADE**

O trabalho além de definir a espécie humana, caracteriza-se como sua atividade vital, sendo responsável não apenas por garantir sua sobrevivência e suprir suas necessidades, mas principalmente, por influenciar na constituição de uma sociedade. Segundo Duarte (2013), no capitalismo, na medida em que o trabalhador vende sua mão de obra por meio do trabalho alienado, sua atividade vital está relacionada unicamente à busca por condições de sobrevivência. Isto é, toda sua essência e sentido estão direcionados para a garantia de sua existência.

À medida que o homem não se reconhece como sujeito de sua própria história, e sim como uma mercadoria, ele passa a ser controlado por um valor de mercado. Nos manuscritos econômico-filosóficos, Marx (1982) afirma que as consequências da economia nacional (que antes eram tidas como acidentais e violentas), fruto da concorrência e do feudalismo, hoje refletem algo indispensável ao capitalismo: a desvalorização do homem por sua mercadoria.

Influenciado pelo neoliberalismo, o sistema capitalista configurado no ocidente, provém uma nova forma de flexibilização estrutural e acumulação do capital. A obrigatoriedade de uma intensa extração da mais valia, contribui para a excessiva precarização do

trabalho, sendo que a mão de obra mais procurada para algumas funções é a intelectualizada e fluida. Em consequência disso e da fragmentação dos tipos de trabalho, em alguns ramos busca-se a menos qualificada, resultando na desvalorização do trabalhador de determinados cargos, como elucidado por Antunes (2008).

Esses sujeitos “excedentes” representam a parte mais vulnerável da sociedade, por mais que pareça que o estado não se preocupa com a existência deles, eles são estritamente necessários para que todo o sistema funcione como planejado. Conforme o autor supracitado, essa população é mais vigente em países onde o capitalismo já foi desenvolvido de maneira acentuada. Marx (1894), em seus escritos no Livro III de *O Capital*, esclarece que a superpopulação relativa, existe em conformidade com a exploração da mais valia absoluta. Fica inferido que, ao sentir que seu trabalho não possui significado, por meio do estranhamento e percebendo que quanto mais abundante for sua produção, mais barata é sua mão de obra e mais caro são seus meios de subsistência, se torna necessário que o sistema elabore um esquema que motive o sujeito continuar trabalhando. Em vista disso, além de representar uma mão de obra reserva, caso a principal venha a falhar, essa população serve como forma de controle atravessado pelo medo do desemprego.

Marx (1867) concluiu que a mais valia, seja ela absoluta ou relativa, representa a atividade de trabalho pela qual o trabalhador não é recompensado. Sendo essa atividade, fruto da prolongação da sua jornada de trabalho sem aumento do salário (absoluta), ou o resultado de uma atualização técnica que aumente a produtividade da mão-de-obra, enquanto mantém o tempo de serviço e o salário sem alterações (relativa). Assim, a extração exagerada da mais valia, seja ela qual for, gera a acumulação de capital, responsável pelo surgimento do supracitado “desemprego estrutural”. Ainda vale ressaltar que

por trás do desemprego, questão recorrente por levar as pessoas às ruas, existe o fator dirigente dessa condição: a desvalorização da mão-de-obra.

À vista disso, nesta última subcategoria, nos preocuparemos em entender de que modo o trabalho atravessa, de fato, o sujeito em situação de rua e suas implicações na constituição da sua subjetividade.

### **3.1. Tranquilidade ou impossibilidade**

Durante a entrevista, os participantes comentaram sobre as principais vantagens e desvantagens de morar na rua. Ficou compreensível pelos relatos individuais que, apesar da situação de rua ser uma condição insuportável, muitos ainda preferem a “tranquilidade” oferecida por elas.

Porque muitos querem fugir de algum compromisso, né? De ter um serviço, de ter um aluguel pra pagar, de ter água pra pagar. Aí preferem ficar na rua, não tem compromisso com nada. Não tem compromisso com trabalho, com nada, aqui é só comer e dormir (MINAS, 2024).

Eu tô na rua porque eu gosto, não vou mentir. Eu me sinto melhor na rua do que em minha casa. Já me acostumei já (GERAIS, 2024).

Tipo que o cara não paga, não paga energia, não paga pra comer, essas coisas, entendeu? (TERESINA, 2024).

No entanto, no decorrer da entrevista, as falas foram sendo contraditas, os entrevistados apresentaram a dura realidade de suas vidas nas ruas onde, na verdade, essa tranquilidade é sentida por eles como uma impossibilidade. Assim, a mudança de vida é algo tão distante, que a possibilidade direcionada a ela, não passa de uma expectativa frágil, uma esperança longínqua.

Eu sinto falta da minha vida, da minha vida particular que eu tinha, do conforto que eu tinha, das outras amizades que eu tinha, outros estilos de vida (MINAS, 2024).

O sonho mesmo é ficar perto da minha família, né? Ter minha casa mesmo, própria. Inclusive até botei meu nome pra ser dono de uma casa. Nessas casinhas de projetos aí. E trabalhar (TERESINA, 2024).

Como já foi exposto anteriormente, o processo de alienação sofrido por esses sujeitos é tão intenso que a saída das ruas passa a representar a realização de um sonho, mesmo que essa implique em voltar a viver uma vida de migalhas, sendo que o medo do retorno àquela condição passa a ser o maior incentivador de um trabalho alienado. Conforme Saviani (2012, p. 25), ao debruçar-se sobre o trabalho na realidade, Marx se confrontou com a sombria confirmação de que no sistema capitalista, o trabalho é composto de intensa alienação, tornando a própria essência humana alienada.

Consequentemente, é expressa uma dificuldade em sair da rua e continuar fora dela, dado que essa é uma condição inerente à vontade individual dos sujeitos viventes da situação de rua.

Já morei em casa, kitnet, entendeu? Já fui casado quatro vezes aqui em Palmas, aí acaba se juntando ne. Mas aí hoje eu tô nessa situação. Já fui pra rua, depois saí... Só umas três vezes só também, entendeu? Saí da rua, fui morar em casa, kitnet, essas coisas, entendeu? Aí mudei de vida, depois recaí de novo. É assim (TERESINA, 2024).

Sair da rua não se configura como um processo fácil, dado que essa categoria social é estritamente necessária para a permanência do capitalismo. Na medida em que o capitalismo evolui, a capacidade produtiva da mão-de-obra também aumenta, bem como, isso contribui para um avanço gradual da tecnologia, resultando em um aumento do capital global, que implicaria na consequência de um aumento salarial. O crescimento do capital global não interessa ao capitalismo, dado que os lucros precisam ser convertidos em salários, diminuindo o capital variável. Desse modo, segundo Duarte (1984), para o aumento do capital variável, representado de maneira geral como o lucro

resultante do trabalho não-pago, é fundamental que parte dessa mão-de-obra seja descartada.

Para além disso, quanto maior for a quantidade de especialização para trabalhadores já empregados, menor é a necessidade de contratação de uma mão de obra reserva. Esse fator explica uma contradição intrínseca ao capitalismo: quanto maior o seu avanço, maior a quantidade de pessoas desempregadas.

Levando em conta a manutenção da taxa de crescimento da população que resulta, em cada período, na inclusão de contingentes populacionais no mercado de trabalho, a tendência de elevação da produtividade no sistema capitalista, a partir da introdução de métodos produtivos modernos, traria em si a tendência à redução relativa da massa de trabalhadores incluídos dentro do processo produtivo e, portanto, de redução do capital variável em relação ao capital constante e, em consequência, ao surgimento de uma superpopulação relativa, ou exército industrial de reserva (Duarte, 1984, p. 24).

A relevância de compreendermos a constituição de um sistema capitalista se apresenta, pois apenas a partir disso, conseguimos comprovar que a população em situação de rua não existe por razões pessoais. A PSR é consequência de um movimento muito maior, ela se constitui ao passo que o capitalismo avança na sociedade. Portanto, não adianta tentar acabar com essa situação sem antes entendermos o cerne de toda a questão, que acarreta na criação de um exército de sujeitos que sobrevivem à mercê da sorte e que sua pobreza e condição de miséria são fundamentais para o crescimento do trabalho produtivo não-pago.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado apresenta como a subjetividade dos sujeitos pode ser impactada pelas condições vivenciadas na situação de rua e ainda, comprova como essa situação é um fator consequencial do capitalismo. De modo geral, o homem se diferencia dos outros animais pela sua capacidade em alterar a natureza intencionalmente e com o objetivo de satisfazer suas necessidades e, ao mesmo tempo, ele também é alterado por ela. Ao realizar essa atividade humana, ele está executando atividade de trabalho, ou seja, o trabalho responsável por definir o homem, também é o responsável por suprir suas necessidades e seu lazer.

Na atualidade, com a evolução do sistema capitalista, esse trabalho realizado pela classe trabalhadora, nem mesmo é capaz de garantir sua sobrevivência. A mão de obra é intensamente desvalorizada e o sujeito passa por condições extremamente insalubres para conseguir garantir instrumentos básicos e não ter nenhum tipo de lazer. Ao vender o seu tempo de trabalho, o sujeito vende condições de subsistência para outros trabalhadores e ainda assim, o lucro resultante do trabalho não-pago, é direcionado a quem não realiza a mão-de-obra, mas é dono dela.

Ao chegar ao seu limite e ainda assim não poder sair daquele lugar precarizado que lhe foi pré-concebido, o indivíduo tenta sair da condição de alienação, mas o que ele

encontra é um espaço de sofrimento e abandono, pensado para que ele permaneça, até que sua mão-de-obra volte a ser necessária. A pessoa em situação de rua encontra-se em uma condição pré-estabelecida pelo capitalismo, onde representará um exército de trabalhadores reserva, caso os principais venham a faltar. No entanto, a alienação é tanta que ela não consegue identificar que a situação insuportável que está vivendo, não foi causada por ela, mas sim por um sistema ao qual ele deseja, acima de tudo, voltar.

Desse modo, o impacto da situação de rua na constituição psicológica desses sujeitos é escancarado quando eles não conseguem identificar a si mesmos, quando a idealização social sobre quem eles são, representa algo tão doloroso ao ponto deles se acostumarem ao estigma e ao preconceito vivenciado. Ademais, isso também se apresenta quando até mesmo uma vida construída com base nas migalhas oferecidas por um trabalho precarizado, passa a ser alvo dos seus maiores sonhos.

### ***Agradecimentos***

Ao apoio financeiro recebido da FAPTO. Agradecemos ainda à Universidade Federal do Tocantins, pelo incentivo para a elaboração de pesquisas e para o desenvolvimento da ciência.

### ***Referências Bibliográficas***

- ANTUNES, R. Século XXI: Nova era da precarização do trabalho? *Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho*, 2008. Mesa 1 - São Paulo, 28 e 29 de novembro de 2008.
- BOARINI, M. L. (org.). *HIGIENE E RAÇA COMO PROJETOS: Higienismo e Eugenismo no Brasil*. Maringá: UEM, 2003.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. *Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. Brasília: MDS, 2009c. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/resolucao\\_CNAS\\_N109\\_%202009.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/resolucao_CNAS_N109_%202009.pdf). Acesso em: 08 mai. 2022.
- CIAMPA, A. C.. Políticas de identidade e identidades políticas. In: C. I. L. São Paulo: *Brasiliense*, 2002.
- COSTA, P. H. A.; MENDES, K. T.. Marx e a guerra pelas drogas: anticolonialismo, antiimperialismo e antiproibicionismo. Salvador: *Germinal: marxismo e educação em debate*, vol. 14, n. 02, p. 362 – 386, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/49564>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- DUARTE, N. A individualidade para si: *Contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- DUARTE, P. H. E.. Superpopulação relativa, dependência e marginalidade: *ensaio sobre o excedente de mão de obra no Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br>. Acesso em: 01 ago. 2024.



- ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 4 ed. Rio de Janeiro: Global, 1990.
- FURTUOSO, L. M.; RONSANI, T. M.; COSTA, P. H. A.. Drogas e alienação: *Para além da droga-mercadoria e do capital*. Natal: Estudos de psicologia, vol. 25, n. 04, p. 412-423, 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2020000400005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2020000400005). Acesso em: 10 jul. 2024.
- LIMA, S. G. A.; MOREIRA, C. A. L. Os moradores de rua e o trabalho: *o limiar deste mundo complexo*. Ceará: Artigos Inéditos, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22900/1/2009\\_art\\_sgalimacalmoreira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22900/1/2009_art_sgalimacalmoreira.pdf). Acesso em: 10 jul. 2024.
- MARKÚS, G. Marxismo e Antropologia: *O conceito de “essência humana” na filosofia de Marx*. São Paulo: Ediunesc, 2015.
- MARX, K. Carta de Marx a P. V. Annenkov. In: K, Marx. *A miséria da filosofia*. São Paulo, SP: Global, 1985.
- MARX, K. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MARX, K. O Capital, Livro III: *O Processo Global da Produção Capitalista*. Tradução de R. Tradução de R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K. O Capital. Livro 1. Volume I. Crítica da economia política: *O processo de produção do capital* [1867]. Tradução: R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. *O Capital*. Livro 1. Volume II. Tradução: R. Sant’anna. 12º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1988b. p 583-932.
- MERICATO, E. Metrópole na periferia do capitalismo: *ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo, 1995.
- MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 406 p.
- MORAES, R. J. S. Determinação social do consumo de drogas: *estudo de histórias de vida em uma perspectiva marxista*. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Botucatu, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/2965ad19-f711-4362-98d6-36f781e4e9f7>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- SAVIANI, D. DUARTE, N. *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação*
- SERAFINO, I. LUZ, L. C. X. *Políticas para a população adulta em situação de rua: questões para debate*. Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 74-85, jan./jun. 2015.
- SILVA, M. L. P. *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005*. 2006. Dissertação (Mestrado em Política Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- SIQUEIRA, S. M. M. PEREIRA, F. Marx e Engels: *Luta de classes, Socialismo Científico e Organização Política*. Salvador- BA: LeMarx, 2014. Disponível em: <http://lemarx.faced.ufba.br/arquivo/marx-engels-luta-socialismo-organizacao.pdf>. Acesso em: 18 abril 2023.
- VARANDA, W. *Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: Funções e significados entre moradores de rua*. 2009. Tese apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/316272752/VARANDA-Liminaridade-Bebidas-Alcoolicas-e-Outras-Drogas-Funcoes-e-Significados-Entre-Moradores-de-Rua#>.

Acesso em 01 set. 2023.

VIEIRA, M. M. F, ZOUAIN, D. M. (orgs). *Pesquisa qualitativa em administração – teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, 240 p.